

# NA KAFAZE-NDÁ



LOURIVAL MIGUEL

LOURIVAL MIGUEL

NA  
KAFAZENDA



**Copyright ©Embondeiro Editora, 2022**

**Título:** Na kafazenda

**Autor:** Lourival Miguel

**Contactos para palestras, workshop e cursos**

**Email:** lourivalpaulo5@gmail.com

**Facebook / Instagram:** Lourival Miguel

**Edição e Paginação**

Lourival Miguel

**Design de capa**

Bondi Kiala

**Revisão**

Jack Da Silva Pedro

**Marketing e publicidade**

Kuvala – Serviços de Psicologia e Educação

**ISBN:** 978-989-33-2833-0



EMBONDEIRO Editora, 2022

Avenida Directa do Patriota, nº 732 Honga. Luanda – Angola

Contactos: +2449264547/Email: editoraembondeiro@gmail.com

---

É expressamente proibida a reprodução de qualquer parte do texto, sem autorização por escrito do autor.

Em memória de **Bonifácio Francisco**  
“**Ngonde**”, do corpo que jaz no  
túmulo e da alma que habita na  
presença do transcendental.

Ao meu bom e amado tio, **Filóteo**  
**Vicente “Teca”** (*in memoriam*).

À querida mãe **Alcinda Luísa**  
**Francisco** (*in memoriam*).

\*\*\*

A KFAZENDA, ficava a quarenta e seis quilómetros do município sede, percorrer a estrada esburacada era um desafio para poucos, apesar disto, muitos sentiam-se atraídos pelos encantos panorâmicos do seu trajecto, e pelas riquezas que oferecia aos visitantes. Aos filhos, nada podia dar para comer ou matar a sede, mas aos visitantes, se possível, entregavam os próprios filhos a degustação.

O riacho que cortava kafazenda a meio, permitia a irrigação do plantio, constituído maioritariamente por milho, mandioca, banana, bata doce e um pouco de tomate – tomate que servia para abastecer os aldeões, que quando em vez, transpunham a cerca do lado norte da kafazenda, percorrendo alguns hectares adentro, retiravam as raízes dos tomateiros e os tomates maduros, mas era praxe exclusiva de aldeões com tomates.

No leito do riacho, estava o capataz Kiluange, e os agricultores Nvulu e Tchitwe, que trabalhavam no processo de irrigação. Apesar do dia ensolarado, labutavam ininterruptamente dias a fio. Em tom de insatisfação pela

escravatura moderna, o subalterno vomitou suas mais profundas palavras de lamentações.

– Tcha! Tcha! Tcha! A trabalhar assim, vamos morrer em breve, chefe! Óh chefe?! – Disse polidamente, Tchitwe.

– Tcha! Tcha! Que nada, phá! Trabalha ou volta para o mato caçar ratos. – Intimidou – lhe Kiluange, o capataz.

– Chefe, precisamos fazer pausas maiores e comer qualquer coisa. – Suplicou Nvulu, deixando fazer quantidade desmedida de água.

– Quem pensou que veio parar aqui, para fugir do sofrimento lá fora, é melhor parar. É bom que saibam, fazer sofrer é o desporto favorito de quem nos governa, e quando está em campo é golo – golo na fome, na sede, no desemprego do empregado mal pago, na injustiça da justiça, no esperar sem esperança e no desviar dos fundos – bem lá no fundo do coração. – Alertou Kiluange.

Os agricultores silenciaram mediante as palavras de Kiluanje, conhecido de muitos por ser cipaio do chefe fazendeiro, a quem prestava depoimento sobre possíveis revoltas entre os agricultores ou manobras para o tirarem do poder. Trazia à baila, assuntos pesados e proibidos para os

oprimidos, com intuito de colher informações que podiam fazer cabeça rolar riacho abaixo.

– Esse já quer saber nossa opinião sobre a miséria da desorganização organizada que são nossas vidas sobre julgo desses abutres, vamos ficar calados – segredou Nvulu, ao seu companheiro Tchitwe.

Maneando a cabeça, Tchitwe, correspondeu afirmativamente, e esquivou o olhar do capataz Kiluange, que se preparava para galgar seu cavalo maluco, éh! Aliás, cavalo belo, veloz e saudável. Oko.

Galopando até ao estábulo, desceu e deixou o cavalo preto com manchas brancas, da raça pantaneira, sobre cuidado de Capâxi, seu fiel subordinado e informante dentro e fora da kafazenda.

Capâxi, de estatura alta, corpo avantajado pelas benesses da kafazenda, olhos castanhos, nariz aquilino, barbas negras e longas, seu rosto oval ornamentado por uma cicatriz que começa em suas sobrancelhas rectas, passando pela longa e pontiaguda orelha directa, cortando – a ao meio, e descendo até aos maxilares.

– O chefe está aguardando por si, patrão, a makas grandes aqui! – Alertou Capâxi.

Kiluanje, ouviu e sentiu a seriedade e o medo desfilada e destilada na fala de Capâxi. Prevenir de forma sorrateira era seu papel. Ergueu o tronco, endireitou a boina, sacudiu e atou suas botas pretas, e partiu apressadamente ao encontro do chefe.

Ao chegar a porta da sala de jantar, girou vagarosamente a maçaneta piramidal, entrou em silêncio, puxou sua cadeira e sentou – se. Não saudou os outros dezassete capatazes que aguardavam também pelo chefe.

A sala de jantar coberta por paredes cinzentas, variadíssimos quadros plásticos fazendo o contraste, mesa rústica no centro para acomodação de dezoito convidados, que aproveitavam passar as mãos sobre as tábuas macias, lisas e corridas de tom castanho, combinando com o tom escuro das cadeiras. No coração da mesa, um lustre de cristal adornava de forma clássica e a gosto do chefe, dois pares de embondeiros esculpidos em madeiras, pelo melhor artesão da aldeia mais a sul da kafazenda.

O clima estava tenso, os dezoito capatazes foram convocados a reunião de forma extraordinária, sem conhecimento se quer da agenda de trabalho. Kiluanje, o capataz mais astuto, não conseguia concentrar – se, seu pico



de ansiedade levou – lhe várias vezes a coçar seus cabelos negros, ondulados e longos com muita agressividade. Tirava e voltava a pôr seus óculos escuros – escuros como a miséria de um país rico em coisas pobres – pobre em coisas ricas.

Viram abrir – se a porta principal, e por ela atravessar um corpo franzino e alto, vestido a rigor, desde os sapatos pretos, a calça preta, a camisola vermelha com detalhes amarelo na extremidade superior, até ao báculo que carregava na mão directa, rosto enrugado e cabelos platinados. Anichou – se junto a poltrona, direccionou o olhar para cada um de seus capatazes, e propalou as palavras de saudações:

– Boa tarde, meus senhores! Sejam bem – vindos a esse encontro de final – de – ano, e preparação de renovações de mandatos.

– Salve, Chefe! – Responderam em pé, em som audível e em coro. Tamanha saudação chegou aos ouvidos dos agricultores, que aproveitaram o momento de reunião para fazer uma, duas, três e até quatro pausas longas ao trabalho. Deram – se o privilégio de escalar a montanha onde plantavam as bananeiras, e lá de cima, apreciar o pôr – do –

sol, mais um dos muitos que esperavam poder vislumbrar sem opressão do capataz e estômago vazio.

– Sentem – se, por favor! – Ordenou o chefe, em tom de voz grave, e continuou – São muitas informações desagradáveis que chegam das dezoito aldeias, não é fácil gerir um milhão de hectares, e ainda temos duzentos e quarenta seis mil hectares por tornar habitável. Ademais, Kiluange, como vai o trabalho da exploração marítima? – Indagou o chefe.

– Sim, chefe! Exploramos até agora, uma área de setecentos quilómetros quadrado. Há por lá, muitos e variados recursos, suficientes para agradar a todos – todos aqueles que obedecem, fazem cumprir, e são fiéis as orientações do chefe. – Esclareceu Kiluange.

– Chefe! Penso que é boa ocasião para usarmos parte desses recursos, para agradar alguns chefes das aldeias, pois eles têm e fazem a opinião pública, com sua influência sobre os aldeões, podemos eliminar actuais e futuras concorrências. – Sugeriu o capataz da zona leste da Kafazenda. Zona conhecida por sua contribuição em recursos minerais e por seus aldeões pobres e revolucionários. Uma vez que, a

revolução de um homem que vive na extrema pobreza, tem início na barriga, e não na cabeça.

Enquanto a reunião na sala ficava animada, as cozinheiras entraram para servir conhaque e café aos capatazes, conhaque para alguns e café para outros, havia ainda aqueles, que em toque de sutileza e técnica de destilação avançada, davam algumas pitadas de café ao cálice de conhaque.

– Precisamos e devemos usar todos os recursos a nossa disposição para manutenção do poder, nem que para isso, seja necessário apressar a ida ao paraíso de alguns. – O chefe, vociferou sua intenção malévola.

Os capatazes ficaram entusiasmados, manter seus cargos e posições era mais importante que trabalhar com os aldeões, para os aldeões e pelos aldeões. Tinham ainda o próprio umbigo para cuidar, desconsigliam facilmente servir os outros, eram competentes em incompetência.

A lua já dava o ar de sua graça, em uma ordem típica, o chefe, orientou que servissem o banquete. E encerrou a reunião com uma recomendação.

– Quem tem ouvidos ouça! – Disse em tom de despertar e prender atenção, e continuou sua profecia –

somos os únicos capazes de dirigir os caminhos da kafazenda, mesmo que não existam trilhos, nós os faremos. Por isso, trabalhem arduamente na massificação de todas as estruturas, dividam grupinhos ou frentes de opiniões para melhor reinar. – Concluiu, levando o cálice cheio de água do chefe, aos seus lábios carnudos e sua língua venenosa, éh! Aliás, língua comprida e bonita. Oko.

Os capatazes ovacionaram de alegria, não podiam deixar passar um discurso de tamanha magnitude, no vazio, era boa oportunidade para bajular o chefe. Em outro mundo, Kluange, pensava consigo mesmo, quais seriam os próximos passos a trilhar para agradar o chefe e permanecer como maior e melhor capataz da kafazenda, sem esquecer, que o nível de benesses seriam ótimas para suas posições futuras dentro da estrutura.

– Kluange, fica connosco! – Despertou – lhe outro capataz, sentado na sua extremidade directa.

– Com sua autorização, chefe! Preciso retirar – me para resolução de outros problemas actuais. – Kluange expressou sua intenção de abandonar a sala, e ir reflectir melhor suas estratégias de trabalho. A autorização foi – lhe concedida sem rodeios.

As cozinheiras voltaram a fazer – se presentes na grande sala de jantar, serviram o banquete com os manjares mais deliciosos das diversas regiões da kafazenda, bebidas típicas e atípicas também presenteavam os cálices dos capatazes. Sentiam – se todos satisfeitos e felizes pelo modo como dirigiam o destino de milhões de aldeões – aldeões que se preocupavam com o que beber e comer no dia seguinte, aliás, na noite depois da aurora, pois, a fome era uma visita que fez morada bem no centro de seus destinos e intestinos.

– Capâxi! Capâxi! Capâxi! Óh Capaxito! – Gritava Nvulu, enquanto Tchitwe, patrulhava com os olhos e os ouvidos o estábulo.

Capâxi, estava ocupado com boca e a barriga, inteiramente comprometido com o saciar da fome e da sede, não aceitava regressar a aldeia de corpo vazio, era para sacos ficar em pé, só com ar.

– Capâxi! Capâxi! Porra! – Esbravejou Tchitwe, esticando seu pescoço longo, para ver da janela, se Capâxi estava aí ou não.

– Esse é quem? Quer o que essa hora? – Exclamou Capâxi, em som inaudível pelos agricultores, e acrescentou em pensamento solto – é melhor esconder primeiro essa comida,

devem ser aqueles fobados das lavras, nem roubar bananas conseguem, macacos!

– Capâxi, Consegue nos ouvir?! Somos nós, amigos agricultores, seus companheiros de caminho de regresso a aldeia – a aldeia negra, onde a luz do sol não reflecte no interior de nossos casebres e não ilumina nossos sonhos. Queremos petróleo, para acender o fogo de conselho da aldeia. – Justificou Nvulu. Sua estatura baixa, não permitia muito espaço de manobras para avistar longe.

– Já vou, meus bons amigos. – Respondeu Capâxi, enquanto organizava o rosto e passava um trapo preto de algodão sobre sua careca, para enxugar o suor que escorria lobo occipital abaixo. Com a mão esquerda, afastou a vidrada da janela, e com a mão directa entregou um bidão de dez litros de petróleo aos agricultores e desculpou – se. – Estava a meditar, não conseguia ouvir – vos em condições, desculpa! E por outra, vou ficar aqui mais tempo, preciso organizar a forragem dos cavalos, podem ir sem mim. – Concluiu seu pedido de desculpas, e cumulativamente o aviso.

– Obrigado por sua disposição em ajudar, estes muitos e preciosos litros de petróleo, fazem a aldeia dançar da noite à aurora e esquecer o sofrimento. – Agradeceu, Nvulu.

– Para quem estava a meditar, tens a boca banhada em banhas de porco, daqueles torresmos bem passados. – Ironizou Tchitwe.

– Tcha! Tcha! Tcha! Não fala isso, óh mano! – Sussurrou Nvulu, tocando levemente com o bidão de petróleo nas costas de Tchitwe.

– Retirei um naco pequenino, nos restos dos pratos de jantar dos capatazes. – Tentou justificar Capâxi, mas sem muito sucesso. Suas barbas longas brilhavam pela exposição excessiva a gordura da carne de porco. Sem que Tchitwe, acrescentasse palavras inconvenientes, Nvulu, tomou palavra:

– Capâxi, fique bem! Nós vamos aproveitar o tempo, pelo brilhar da lua, já nos aproximamos das sete horas da noite. Temos de chegar em trinta minutos a aldeia, preparar a lenha, aquecer os batuques, organizar as bebidas dos adultos e anciãos, e fazer da fogueira uma realidade. Até mais! – Concluiu Nvulu, caminhando em direção ao portão de saída.

– Um pouquinho de resto dos pratos?! Oko! Nós sabemos que comes e engordas a custa da nossa rica miséria, fiataputa\*! – Esbravejou Tchitwe, em voz baixa, espumando saliva boca fora.

Ao aproximarem – se do portão de saída, com cinco metros de largura, espessura de quase trinta centímetro, com altura em volta de oito metros, aço puro, fundido e produzido localmente. Apresentaram seus pertences aos seguranças, que inspecionavam como cães farejando por comida. Pediram para retirarem as botas, as calças, as camisolas e os casacos, a inspeção era minuciosa. Só com as roupas interior, viram chegar próximo deles, seu maior carrasco, Kiluange, o Capataz. Sua presença provocou um frio de congelar a alma e um silêncio sepulcral.

– Ainda estão com as cuecas porquê? – Perguntou Kiluange. – Tirem já esses trapos velhos. – Ordenou.

Os agricultores olharam um para o outro, sem saber o que fazer e dizer. Estava muito fria a noite, e retirar as cuecas era exposição total, tinham ainda um caminho pedregoso por percorrer. Tomando coragem, o que era raro mediante a presença de Kiluange, o agricultor Nvulu, implorou:

– Chefe! Está muito frio, banhamos há pouco tempo, não tem sido necessário esse proceder connosco, somos fiéis trabalhadores da lavoura, permita – nos ficar com as cuecas, sua excelência! – Terminou sua súplica.



– Quando o chefe orienta, é para cumprir. – Advertiu um dos seguranças, apontando com seu braço forte e musculoso um porrete aos agricultores.

– Qual é o artigo que assim o diga!? – Perguntou corajosa e inconsequentemente, Tchitwe.

Ao ouvir tal afronta, Kiluange, apalpou seus bolsos da calça jeans, arrebatou do bolso directo uma navalha, segurando o cabo, fez a rotação da lâmina e abertura do instrumento em um ângulo de cento e oitenta graus. Com a mão esquerda puxou a cueca, ainda no corpo do agricultor Tchitwe, e foi cortando em pedaços miúdos. Em um último movimento de agressividade, golpeou seu bíceps femoral, provocando um sangramento instantâneo e a queda brusca e desaparatosada do agricultor.

– Por favor, Chefe! Eu o suplico, deixa – nos viver. – Implorava aos prantos Nvulu, anichando – se ao seu companheiro no chão.

– Avisos não faltaram, seu miserável. – Atirou o segurança, em forma de tornar apoteótica a acção do seu chefe.

No chão, nu e sangrando, Tchitwe gemia. Sem sensibilidade, Kiluange, começou uma série de pontapés,

socos e chapadas, aliás, bofetadas, aquelas mesmas de provocar um zumbido longo nos ouvidos. Chutou suas costas, socou seu rosto, inchando os olhos do agricultor, e no ápice da maldade, chutou fortemente seus testículos, que bailavam de um lado para outro. Tchitwe contorcia – se em dor, gritava por socorro, sangrava por várias partes do corpo e clamava pela vida. Pegou seus testículos, e sentiu – lhes maiores que a palma da mão, entrou em desespero total.

– E você, baixinho?! – Disse Kiluange, olhando para Nvulu, e continuou – Use sua cueca para impedir a passagem de sangue do seu companheiro imundo – imundo como a população pobre e miserável das aldeias – aldeias construídas em terra negra – negras como a escuridão dessa noite – noite sem paz, sem calma, porque vós, os ricos em pobreza, não sabem obedecer ordens, já pensam em revolução. Com o pouco de letramento que demo – vos em graça e de graça, pensam que são capazes de governar. Que morram todos, porra! – Praguejou – lhes, Kiluange.

Amedrontado com o sucedido ao companheiro, Nvulu, o agricultor de estatura baixa, retirou sua cueca para fazer pressão aos ferimentos de Tchitwe, que não parava de sagrar e chorava como uma criança na maternidade ou no ritual de

circuncisão. Ambos, nus e com frio, deixaram – se possuir pelo espírito da humilhação. Nvulu, ao tentar levantar seu companheiro, foram surpreendidos com um balde de água fria, que os levou de volta ao chão, desta vez, banhados em lama, ficaram inertes, olhando os céus, sem ser seus desejos, não estar entres os seus.

O segurança responsável por verificar as pastas, bem mais respeitoso e tranquilo, devolveu os pertences dos agricultores, escondendo em uma das pastas, o bidão de petróleo, seria muito útil naquela noite – noite que começara de forma desastrosa para os agricultores.

– A próxima vez que pretender saber o artigo, vais perder a língua, seu cão! – Atiçou outro segurança, sobrinho do filho primogénito do diabo. Ewá! Aliás, do anjo Gabriel.

Nvulu levantou – se, retirou a lama do corpo do companheiro, verificou os ferimentos, recolheu os pertences e ajudou o outro a vestir. Ao observar que Tchitwe não conseguia flectir os joelhos e concentrar – se em pé. O agricultor de estatura baixa, procurou e achou um pau de mandioqueira, para servir de bengala no trajecto de volta a aldeia negra. Após isso, vestiu seus andrajos, agradeceu ao segurança bom – samaritano, não era.

Caminhavam a passos lentos – lentos pela dor no corpo e na alma, pela impossibilidade de lutar pelos seus direitos, pela escravidão que os aprisionava em suas próprias terras, pela indignidade da pessoa humana, uma letargia sem precedentes. Sentiam – se dois miseráveis, um ajudado o outro, a chegar com maior velocidade ao outro lado de dentro dos mistérios de suas vidas.

– Importante é que conseguimos passar com o petróleo. – Disse Tchitwe, em tom de gozo pela dor que sentia no corpo. Seus lábios nem abriam o suficiente para ver sua língua ensanguentada.

– A aldeia vai estar revoltada com o sucedido. – Exclamou temeroso Nvulu, enquanto ajeitava o ombro do seu companheiro, e segurava fortemente sua cintura, para que a perna magoada, não tivesse contacto com o solo pedregoso.

Caminharam por duas horas, no trajecto que noutrora era feito em menos de trinta minutos. Os ferimentos e peso de quase 80 quilogramas de Tchitwe, fizeram com que Nvulu, que pesava seus míseros 30 quilogramas, suportasse a bagagem no lado esquerdo e no lado directo, seu lado com maior força, carregasse o companheiro até a aldeia negra.

Em seu quarto, Capâxi, não sabia da má sorte que bateu a porta dos seus amigos das lavras, como gostava de os tratar, com o objectivo de os recordar suas posições dentro da kafazenda, e de forma pejorativa, fazer – se valer das oportunidades que desfrutava como informante de Kiluange.

Ao ir arrumar a forragem dos cavalos, Capâxi, já dentro do celeiro, observou, arrumou, avaliou e separou o que seria para manhã seguinte, e descartou a que já não podia prestar, levando essa quantidade para o porão, onde guardava vários materiais, dentre eles o precioso petróleo, que usava para fortificar a amizade com os aldeões da aldeia negra, e em casos mais profundos para colher informações. Tinha ainda no porão em grande quantidade, garrafas de gás butano, que era de uso exclusivo da kafazenda, uma riqueza para poucos, para além do chefe fazendeiro, só alguns capatazes mais cultos e curtos, tinham nas suas instalações.

Dirigindo – se para o portão, Capâxi encontrou os seguranças, que muito o respeitavam e protegiam, não era necessário verificar os pertences que levava kafazenda fora.

– Boa Noite, Companheiros! – Saudou inicialmente, e depois acrescentou. – Dia de trabalho cansativo ou nem por isso? – Perguntou.

– Boa Noite, Capâxi! Muito cansativo – Respondeu o segurança mais calmo.

– Tivemos que distribuir socos, pontapés e bofetadas aos gajos das lavras, aqueles matumbos que não sabem obedecer, gostam de fazer barulho, arruaceiros. – Explicou o outro segurança, aquele aí, o sobrinho do filho primogénito do diabo. Éh!

– Fizeram isso porquê? O que aconteceu? – Perguntou Capâxi, preocupadíssimo com o estado dos amigos.

– Não quiseram retirar aquelas cuecas sujas e furadas no furo, lá mesmo, no furo de trás. – Respondeu em fortes gargalhadas, o segurança.

– Foi na verdade, uma ordem superior. – Explicou em prefácio o segurança mais calmo, e continuou. – O chefe, capataz Kiluange, estava muito bravo, deu ordem aos agricultores e mostraram resistências. – Concluiu o segurança mais calmo, a quem Capâxi, tratava por Nawa, aquele que nasceu em uma época boa. Era por isso que tinha um coração mais puro e amoroso, dizia Capâxi, quando conversava com seu amigo segurança e precisava de seus favores.

– Hoje é noite de fogueira do conselho, todos os aldeões estarão aí, felizes, alegres e bêbados. Ao verem os agricultores chegarem num estado não muito bom, será

motivo para muitas reclamações, o chefe agiu bem em mal dia.

– Disse Capâxi, lamentando – se do sucedido.

– Aproveita ir as pressas, quem sabe ainda os encontros no caminho, assim terás tempo e espaço para camuflar a entrada deles na aldeia. – Sugeriu Nawa.

O caminho pedregoso parecia não ter fim, até que Nvulu viu chegar próximo deles, Wande, Mulher bela, olhos dourados, tom de pele negra, carapinhas na cabeça. Vestida em panos escuros e brancos, costurado a mão, cobrindo do pescoço até antes do seu par de joelhos, que ajudavam suportar suas coxas grossas e seus glúteos bem tonificados e definidos.

Tchitwe, esqueceu sua dor por alguns minutos, para apreciar tamanha paisagem divinal, Wande bamboleava como nenhuma outra mulher dentro da aldeia. Nvulu, aproveitou observar os brincos em madeira com desenho da fertilidade ao meio, que carrega em suas orelhas pequenas, não deixou também de ver em tamanho três D, a textura dos seus mamilos pontiagudos e sensuais, marcados no pano.

Lentamente, Wande, entreabriu seus lábios achocolatados, fazendo ver seus dentes brancos e fazer sair

uma alma nova de si, e oferecer aos amigos da aldeia negra, dando conhecer sua voz:

– Ngana Nzambi\*! – Exclamou atónita, e continuou – Qual trator passou em cima de ti, Tchitwe?!

– Trator Kiluange – Tchitwe Respondeu sorrindo da sua própria desgraça, enquanto escorria sangue pela boca.

– Para de brincadeira! – Alertou – Ihe Nvulu, antes de acrescentar – quase fomos mortos, por não baixar as cuecas.

– Aqui baixa – se as cuecas para tudo, para aquisição de alimentação, de lavras, de liberdade, de oportunidade, de promoção, e de permanência no poder. País das cuecas baixas! – Respondeu aos nervos, Wande.

– Mas nunca vimos a sua?! – Disse Tchitwe, em tom de gozo e curiosidade.

– Vamos levar – te até aí, tem a carroça com os burros, para ajudar a chegar mais rápido a aldeia, sem precisar muito esforço. – Sugeriu Wande.

– Estávamos mesmo a precisar. Muito obrigado, Wande! – Agradeceu Nvulu.

Tchitwe, olhou para a pequena distância a percorrer até a carroça, decidiu marcar espaço com passos de seus próprios pés, no segundo piso, viu – Ihe soltar a cueca pressa



para conter o sangue, e não conseguiu vencer a gravidade, levando seu corpo a uma queda brusca, tocou a cara sobre o solo, rebentou – lhe os lábios negros e partiu três dentes incisivos, dois superiores e um inferior.

Os amigos correram para o socorrer, estava inconsciente. Transportaram – lhe até a carroça e seguiram sem demora para aldeia, que já não estava tão distante daí.

Chegaram a aldeia, encontram a comunidade esperando por eles, precisavam do petróleo para acender a fogueira, sem muito explicar, Nvulu, entregou o bidão de petróleo para um dos seus sequazes dentro da aldeia, este que fez o fogo surgir entre a escuridão que consumia aldeia e floresta adentro.

Retiram Tchitwe da carroça e levaram – no para casa da avó Quitepeteta, anciã de quase um século de idade, cabelo grisalho, rosto enrugado e sofrido, orelhas longas, mas ouvia com pouca perfeição. Deitaram – no sobre o luando feito de bordão seco, ajeitaram sua cabeça sobre uma almofada de algodão e com um trapo da avó Quitepeteta, banharam seu corpo com água morna.

– O que aconteceu meus filhos? – Perguntou em voz baixa a avó Quitepeteta.

– Fomos infelizes ao cruzar com o capataz, quando nos preparávamos para sair da kafazenda. – Explicou Nvulu.

– Até quando seremos infelizes?! Governados por lobos?! – Wande, esgueirou sua voz em suspiro.

– Desta vez não passa! – Exclamou em ranger de dentes, avó Quitepeteta. – Wande, chama imediatamente Ngueve, Dizola e a Nayuca. – Ordenou, avó Quitepeteta.

Wande já sabia o que fazer, esse grupo de mulheres era especializado em acções secretas, aquelas que os homens não faziam pelo temor que tinha dos capazes, pelo sofrimento que viviam diariamente na kafazenda, e muitos ainda, por não terem os testículos no lugar.

As mulheres reuniram – se secretamente em casa da avó Quitepeteta, na presença do agricultor Nvulu, que explicou de forma pormenorizada o sucedido, e as formas de entrar na kafazenda sem precisar passar pelo portão, usando a via dos aldeões que roubavam tomates.

– Vamos dar um susto a esses lobos. – Encorajou Dizola, mulher de dois metros de altura, robusta e com uma habilidade física para poucas.

– Você leva o material! – Ordenou Ngueve, olhando nos olhos azuis de Nvulu.

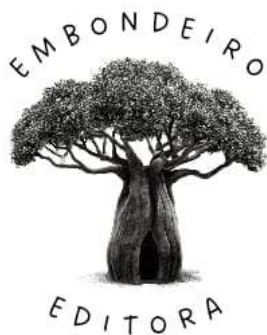
- Eu?! - Não faz isso?! - Suplicou, Nvulu.

- Queres ter os testículos como do seu companheiro?

- Perguntou Nayuca, afiando a faca em uma pedra.

- Na, na, na, não. - Gaguejou Nvulu, segurando firmemente a pasta de material, e verificou se estava lá as facas, a caixa de fosforo, a garrafa de petróleo de meio litro, as cordas verdes, o arco e flecha, e tocando mais fundo na pasta, sentiu o frio de um metal, procurou ajeitar melhor seus dedos e puxou para fora da pasta. Não queria acreditar no que tinha em suas mãos, uma Kalashnikov, velha e enferrujada, com todas munições em seu carregador. Assutado, Nvulu voltou imediatamente a arma para o fundo da pasta.

CONTINUA...



## **A ROBUSTEZ DO CONHECIMENTO**

# LOURIVAL MIGUEL MULORRITO

Nasceu aos 27 de Setembro de 1995, em Luanda. É licenciado em Ciências da Educação, na especialidade de Psicologia, pelo ISCED-LUANDA. Professor de Psicologia, Investidor e Orientador Vocacional Profissional. Autor do livro: O Caminheiro da Humanidade, publicado em 2020, com Chancela da Páginas Editora. Tem vários contos já publicados: Ilusão de Óptica, Na Casa da mãe Joana, Um Natal escuro na Cidade da Luz e A prisão da liberdade. Escreve ficção em prosa.

*“bem-aventurados os que semeiam livros,  
pois deles é o reino da sabedoria.”*



XOZ  
JOVENS

ibue

